

A sangria da dívida

Edevaldo Alves da Silva

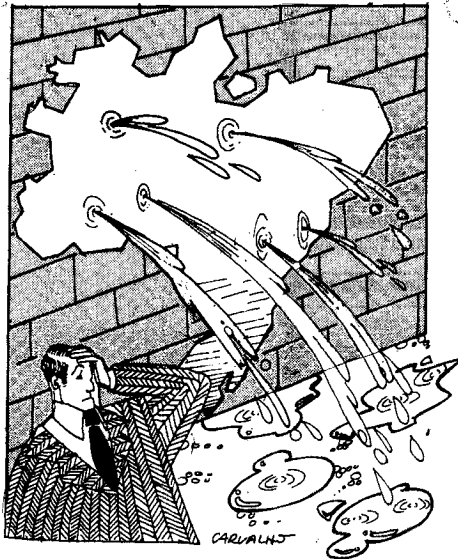
Não resta dúvida que, independentemente das dívidas que afetam os orçamentos anuais no Brasil, o mais grave é a dificuldade de obter a sangria da dívida externa.

Acumulados ao longo dos anos, os juros não pagos vão formando cascata de sobrejuros e corroendo, de maneira calamitosa, a economia nacional.

O pior é que a situação econômica e financeira, já em regime de recessão, dos Estados Unidos pode agravar as pressões tanto na América do Norte como na Europa (Comunidade Econômica Européia) sobre nosso País em relação aos empréstimos internacionais.

O Governo se debate em torno dessa ameaçadora questão, no instante em que a concorrência japonesa e alemã se torna calamitosa aos interesses dos demais países industrializados.

O problema brasileiro tem conotação com o atraso da América



Latina, em virtude de uma dívida generalizada em países da América Central e do Sul.

Durante dez anos foram pagos pela América Latina, a título de juros 235 bilhões de dólares e algumas parcelas do principal, num total de

270 bilhões de dólares que, investidos principalmente nas necessidades sociais, aliviariam, sobremaneira, os problemas de atraso e miséria desta parte continental.

Em consequência, os governos sul-americanos são obrigados a demitir, a adiar programas de saúde, educação, transportes, saneamento, além de promover os achatamentos salariais. Segundo dados fornecidos por peritos, o número de pobres, em dez anos, aumentou na região em 50 milhões de pessoas.

Os problemas urbanos se agravaram, com aumento da marginalidade.

Ao invés de diminuir, as dívidas aumentaram em 50 bilhões de dólares, segundo Henry Kissinger. Para uma avaliação, basta dizer que o endividamento na América Latina, de 40 bilhões de dólares em 1973, passou para 400 bilhões em 1990.

Eis o nosso calcanhar de Aquiles.

■ Edevaldo Alves da Silva é deputado pelo PDS de São Paulo